

LE LIVRE BRÛLÉ:¹ PROPOSIÇÕES HERMENÊUTICAS NA LITERATURA TALMÚDICA

Profa. Dra. Renata Rozental Sancovsky²
<http://lattes.cnpq.br/8896220723032569>

“(...) E por que em tres autos da Santa Inquisiçam que per mandado de V.A em Lixboa sam feitos, vi e alguus lobos Talmudistas que persegem o pegulhal eleito, nam quis ser do conto daquelles cães mudos (...) ladrey este Dialogo contra o lobo Talmud que o zelo da salvaçam das inorantes e simples ovelhas me provocou.”

Joannes de Barros ao muy excellente Principe Iffante Dom Henrique Arcebispo de Evora Reyno de Portugal – 1542. Dialogo Evangelico sobre os artigos da fe, contra o Talmud dos Judeus – Portugal, 1542

Para todos os discursos intolerantes, encontramos expressões que se contrapõem aos esquemas de dominação instituídos. Assim, em meio aos aparentes silêncios dos sujeitos alvos da intolerância, é imperativo ao historiador contemporâneo conceder lugar para os chamados “sujeitos históricos anônimos”.

Uma hipótese possível para analisarmos o processo histórico de longa-duração da intolerância ao elemento judaico no mundo mediterrâneo, poderia partir de pressupostos ideológicos e evidências documentais sobre a não compreensão – ou frontal oposição – às visões de mundo produzidas pelo Judaísmo Rabínico (IV ao XVI), notadamente em sua expressão literária mais conhecida e difundida pelas comunidades judaicas: **o Talmud**.

Entre as promulgações de 535 d.C nas *Novellae* de Justiniano, e as de 1933 pelos decretos do III Reich, o Talmud foi réu em quase três dezenas de processos judiciais, canônicos e civis, sendo condenado em todas os eventos acusatórios. Dos processos existentes, mais da metade datam da Idade Média, onde encontramos dados referentes desde os séculos VI e VII, concentrando-se o rol denso de

¹ A interessante expressão *Livre Brûlé* foi utilizada pioneiramente nos trabalhos de Marc Alain Ouaknin, quando alude à inerente e contraditória condição do Talmud de “literatura condenada” – o “livro queimado”, ao mesmo tempo em que sua complexidade filosófica tornou-se notória fora dos círculos judaicos de leitura. OUKNIN, Marc-Alain. *Le Livre Brûlé: Philosophie du Talmud*. Paris : Lieu Commun, 1993.

² Doutora em História Social pela USP. Professora Adjunta de História Medieval da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRJ (PPGH). Pesquisadora Associada do Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da USP (LEI) e do Laboratório Interdisciplinar de Teoria da História, Antiguidade e Medievo da UFRJ (LITHAM). Atualmente, realiza Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional - UFRJ, com o projeto Interfaces entre Cultura Material e Cultura Literária no Mediterrâneo Tardo-Antigo: Identidades, Discursividades, Mitologias nas Relações Judaico-Cristãs e as Polêmicas *Adversus Iudaeos*. Séculos IV a VII d.C., sob supervisão do Prof.Dr.André L.Chevitarese (MN-UFRJ/ IH-UFRJ).

acusações nos séculos XIII e XIV. De igual repercussão foram aqueles ocorridos durante os períodos da Inquisição Ibérica, Reforma Protestante, Rússia Czarista, e da Alemanha Nazista. Em todos eles, o livro torna-se réu acusado de blasfêmia, de perseguição a Cristo e ao Cristianismo, de pacto diabólico ou mesmo complô político contra as potências européias. Entre 1240 e 1933, na França de Felipe V ao Regime Hitlerista, encontramos mais de uma dezena de eventos públicos de grande impacto teatral, quando da aplicação de pena capital ao “réu-livro”, tendo seus volumes queimados em fogueiras rituais, ou incinerados em ruas de modernas capitais européias no século XX.

Ainda que diante de forte conjunto de evidências documentais e nítidos processos históricos de coibição formal e física de práticas de leitura, é curioso porém constatar que a historiografia medievalista até hoje permaneceu silenciosa quanto às inflexões da cultura rabínico-talmúdica sobre o universo de judeus e conversos de origem judaica, e às repercussões sociais para além de suas comunidades. Chegam sequer a apontar o Talmud como possibilidade para o estudo do antissemitismo, latente entre os séculos VI e VII, ou antes, como fundamento filosófico e exegético da resistência dos judeus batizados.

Para Jacob Neusner, o Talmud marca a inserção de uma historicidade ocidental ao Judaísmo mishnaico, mais restrito ao mundo oriental da Palestina, sendo peça indispensável na análise da História do próprio Ocidente Medieval.

De difícil tipificação literária, o Talmud reúne 25 mil páginas de pensamento rabínico divididas entre 63 volumes temáticos, produzidos nos séculos IV e V d.C, por academias ao norte da Judéia e Babilônia. O Talmud pode ser compreendido como conjunto hermenêutico (Guemará), dialógico-reflexivo (Haggadah) e normativo (Halachá) de discussões sobre o real, o transcendental e o homem, enquanto código de éticas e lições de condutas judaicas em sociedade³.

Sua polêmica heteroglossia, oposta a uma visão estritamente teológica de mundo, abriu espaço para uma subversão de ordens estabelecidas. Com seu teor

³ O Talmud reúne discussões rabínicas realizadas entre os séculos III e V d.C, com base nos textos da Mishná (Torá Oral – séculos I e II na Palestina), os quais por si mesmos já possuíam acepção dialógica, por se tratarem de debates rabínicos sobre a fé judaica e suas práticas sociais. Reproduzindo e alargando os debates mishnaicos, os textos talmúdicos são criados então a partir dos 63 tratados da Mishná (divididos em 6 grandes ordens: “Sementes”, “Festas”, “Mulheres”, “Danos”, “Elementos Sagrados” e “Purificações”), resultando no mais amplo volume escrito da religião judaica até os dias de hoje. Cada um dos 63 tratados mishnaicos originou acréscimos normativos, filosóficos e parábolas morais do Talmud, todos frutos de reinterpretações rabínicas, já elaboradas desde o século II d.C, na Judéia e Babilônia. Além das dezenas de cópias manuscritas, a primeira edição impressa do Talmud é anterior ao ano de 1500, provavelmente pelo editor Soncino. Lembremos que em 535 (Justiniano, Império Bizantino), 637 (Chintila e VI Concílio de Toledo, Reino Visigodo), 1242 (Paris – Papa Gregório IX), 1553 (Papa Julio II), 1564 (Papa Pio XIV), 1592 (Papa Clemente II) entre outras datas, o Talmud foi censurado e queimado por ordens papais e monárquicas.

interpretativo, podemos considerar que o Talmud ordenou e dinamizou simbolicamente as existências judaicas no medievo e na modernidade.

Podemos inclusive associar tais espaços de subversão, abertos pela literatura rabínica, à condição judaica de pária social, conforme propôs Anita Novinsky⁴ em ensaio sobre a censura e as minorias:

“(...) Durante milênios os judeus foram párias, animados por um sentimento do indeterminado, do heterodoxo. Eles formam um grupo que em potencial tinha todas as condições para se opor a uma ordem preestabelecida. Hannah Arendt reconheceu no judeu pária essa capacidade para recusar o mundo.

Privados de seus direitos políticos, muitos judeus conseguiram libertar-se, mas apenas individualmente, como homens. Excluídos de toda participação política imediata, realizam essa integração por meio da arte e de sua própria criatividade, como artistas ou intelectuais rebeldes. O que é fundamental nessa tradição clandestina do judeu, sempre um ‘excluído’, é a força de sua posição crítica.” (NOVINSKY, 2002, p. 32)

A polissemia e a heteroglossia, adjetivações adequadas ao entendimento dos significados culturais do Talmud, também foram discutidas, em profundidade filosófica, por Emmanuel Levinas. O autor, em diversas leituras e interpretações de tratados do Talmud da Babilônia, buscou transmitir aos seus leitores que, longe do consenso esperado de textos ditos “moralizantes” ou “edificantes”, o Talmud constitui-se como conflito de interpretações sobre o real humano e a incomensurabilidade do transcendental, do divino⁵.

O poder simbólico e heterodoxo inscrito nos comentários talmúdicos evidencia um sentido de “contra-revelação” ao propósito da teologia cristã, em textos que apresentavam diversas escolas filosóficas de pensamento, representadas pelos Rabis, dialogando sobre problemas de ordem ontológica, espiritual ou exegética, sem que necessariamente se alcançasse um resultado normativo⁶.

No Talmud, como em toda a literatura rabínica circundante (Midrashim), o ato de discutir, manifestar o intelecto, suplantavam integralmente a tendência ao autoritarismo ideológico ou teológico.⁷ Esta dinâmica talmúdica veio então reforçar a autoridade dos Rabinos na diáspora judaica. As discussões enunciavam sempre a manutenção do locus central de irradiação do imaginário rabínico – a Sinagoga. Contra esta instituição e suas práticas congregacionais, versaram algumas das

⁴ NOVINSKY, Anita. “Os Regimes Totalitários e a Censura.” In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. (Org.) Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil. São Paulo: EDUSP/ Imprensa Oficial do Estado/ Fapesp, 2002. p.32.

⁵ LEVINAS, Emmanuel. Do Sagrado ao Santo: Cinco Novas Interpretações Talmúdicas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 32-33.

⁶ LEVINAS, Emmanuel. Quatro Leituras Talmúdicas. São Paulo: Perspectiva, 2003. p.19-20.

⁷ OUAKNIN, Marc-Alain. Le Livre Brûlé: Philosophie du Talmud. Paris: Lieu Commun, 1993. p.15.

principais homilias do bispo de Antioquia João Crisóstomo que, em 387 d.C.⁸, relacionou a Sinagoga à condição pecaminosa de promiscuidade sexual, corrupção e lascívia, estigmas sempre recorrentes no imaginário anti-semita europeu:

“(...) Muitos, eu sei, respeitam os judeus e pensam que seu atual modo de vida é digno de louvor. É por isso que desejo por ao chão tal opinião mortal. Eu disse que a sinagoga não era melhor do que um teatro (...); Lupanar e teatro, a sinagoga é também antro de salteadores e covil de bestas. (...) Vivendo para o ventre, a boca sempre escancarada, os judeus não se conduzem melhor que os porcos e os bodes, na sua lúbrica grosseria e no excesso de sua glotoneria. Só sabem fazer uma coisa: empanturrar-se e embriagar-se. (...) Porém, sob inúmeras circunstâncias, os judeus dizem que eles, da mesma maneira, respeitam a Deus. Deus proíba-me de dizer isso, nenhum judeu adora a Deus ! Quem o afirmou? O filho de Deus o afirmou! Por ter dito: ‘Se vocês quisessem conhecer meu Pai, deveriam conhecer a mim. Mas vocês não conhecem nem a mim, nem a meu Pai.’ Poderia eu citar um testemunho mais verídico do que o Filho de Deus?” (MIGNE, 1857, V. 48 e 49)

Emmanuel Levinas encontrou diversas alusões ao ímpeto libertário judaico tão temido por eclesiásticos medievais como João Crisóstomo. O Talmud alerta que o poder rabínico, como quaisquer outras formas de poder (políticos ou não) criadas pelos homens, poderia ser questionado, enfrentado, ou mesmo negado pela própria comunidade⁹.

Importante textos talmúdicos abordam, em parábolas, a questão das relações sociais de produção à luz de princípios éticos que deveriam ordenar uma espécie de “convivência conciliatória” entre trabalhadores e senhores, estando esses últimos obrigados a reconhecer os direitos e a insubmissão do outro à lógica do mesmo.

Em audaciosas passagens do Talmud, Rabinos aconselham suas comunidades a nutrirem ódio e cautela pelo poder em sua natureza, e não se aproximarem jamais das autoridades políticas, consideradas evasivas e indiferentes aos problemas reais da população¹⁰.

Nos tratados Avot, Shabat e Pessachim,¹¹ encontramos ainda a obrigatoriedade de contestação às ordenações de governos que por ventura, obrigassem seus súditos a cometer atos ilícitos, criminosos.

⁸ JOANNIS CHRYSOSTOMI. *Adversus Iudaeos*. In: MIGNE, J.P. *Patrologiae. Cursus Completus. Serie Graeca*. Paris: 1857-1866. v. 48 e 49. JOÃO CRISÓSTOMO (347-407 d.C). *Adversus Iudaeos*. (387 d.C). In: *Medieval Source Book: Saint John Chrysostom. Homilies Against the Jews*. Homilia I; III, 1 e 2. (Livre tradução por Renata R. Sancovsky)

⁹ LEVINAS, Emmanuel. “Judaísmo e Revolução”. In: _____. *Do Sagrado ao Santo...* Op.cit. p.13-57.

¹⁰ The Soncino Talmud. Chicago: Davka Corporation/Judaica, 1996. 1 CD-ROM. Judaic Classics Library. Avot, 2:3.

¹¹ Idem. Pessachim, 25b.

Neste sentido, o Talmud referenda simbolicamente a possibilidade de um descontentamento social sobre uma ordem política considerada maléfica. Abre-se a possibilidade, no Judaísmo Rabínico, da recusa dessa ordem, ou antes, a recusa do poder do homem sobre o homem. Para o Talmud, aí residiria a raiz de todo o mal. Caso caracterizadas como opressoras ou corruptas, as autoridades poderiam ser renegadas, contestadas, ou mesmo substituídas por outras mais benéficas para a comunidade. Para a lógica talmúdica, se um líder fosse autoritariamente imposto, sem considerar o consenso da coletividade, estaria fadado ao fracasso.

O historiador Yehuda Bauer, em artigo intitulado "Anti-Semitism as an European and World Problem" entende que a consciência crítica de liberdade religiosa e política defendida pelos judeus da diáspora com base na literatura rabínica foi alvo, por séculos, de reações de incompreensão e rechaço¹².

Para Yehuda Bauer, a cultura judaica medieval erigiu três pilares éticos de base libertária, que a tornariam incompatíveis com as lógicas de poderes teocráticos, fundamentalistas, ou totalitários. Seriam eles:

- 1) Todos os homens são livres;
- 2) Todos os homens são iguais, e as mesmas leis devem servir a todos;
- 3) Todos os homens têm direito de reivindicar poder e criticar o soberano;

Para a relação entre Talmud, revolução e liberdade, Emmanuel Levinas, na mesma ótica de Yehuda Bauer, afirma que a literatura rabínica, entre parábolas e alegorias, mostra-se intransigente em relação ao ócio e à paralisia social, tanto para aqueles que não saberiam recusar uma ordem política, ou mesmo sequer "questionar a ordem do Rei".

Neste sentido, por diversas vezes na História, o Talmud, foi considerado como literatura anti-cristã e diabólica. Sua leitura foi proibida, seus leitores banidos, e suas edições queimadas em praça pública, por Imperadores, Papas, Monarcas Europeus (medievais e modernos), e governos totalitários contemporâneos.

Vejamos os comentários do Imperador Napoleão Bonaparte¹³ sobre os judeus e o seu Talmud:

"(...) Os judeus são um povo vilão, poltrão e cruel. São lagartas, gafanhotos que devastam os campos. (...) O mal provém principalmente dessa compilação indigesta chamada Talmud, onde se encontra, ao lado de suas verdadeiras tradições bíblicas, a moral mais corrompida, a partir do momento em que se trata de suas relações com os cristãos. (...) Não pretendo subtrair à maldição com que foi fulminada essa raça que parece ter sido a única a ser excetuada da redenção, mas gostaria de deixá-la sem condições para propagar o mal (...). ... o bem é feito lentamente, e uma massa de sangue viciado só melhora com o tempo. (...) Quando entre cada três casamentos, houver um entre judeu e

¹² BAUER, Yehuda. "Antisemitism as an European and World Problem". In: Patterns of Prejudice. London: The Institute of Jewish Affairs, 1993. v.27, n.1. p.15-24.

¹³ POLIAKOV, Leon. De Voltaire a Wagner: História do Antissemitismo III. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.196.

francês, o sangue dos judeus deixará de ter um caráter particular (...)". (POLIAKOV, 1974, p.196)

Sobre a censura à produção intelectual judaica, mesmo que religiosa, a reflexão da historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro¹⁴ fornece alguns esclarecimentos:

"(...) a repressão às idéias e aos intelectuais integrou projetos políticos articulados em diferentes momentos da nossa história. (...) o intelectual ativo - aquele que escrevia e divulgava suas idéias 'revolucionárias' - sempre foi tratado pelas instituições vigilantes como um 'herege', um 'homem maldito', um 'bandido'. Por ultrapassar os limites do permitido, foi repreendido, julgado e punido. Os livros apreendidos como 'armas do crime', transformaram-se em prova material da trama articulada contra o regime e que, segundo os homens do poder, poderiam desequilibrar a ordem imposta." (CARNEIRO, 2002, p.20-21)

Como conclusão parcial ao tema, entendemos que a violência, originária de sectarismos religiosos, seria o similar a um estado de ódio socialmente instituído e quase incontrolável. Para pensadores como o escritor e acadêmico argelino Mohammed Arkoun, quando a intolerância é substituída pelo ódio não haveria mais volta, exatamente porque os discursos passariam a adotar três critérios que, somados, seriam fatais para o diálogo entre os homens: violência, sagrado e verdade¹⁵. Este tripé elaborado pelo sectarismo religioso, faz a intolerância assumir o poder de um mito, e como todo mito, adquire feições perenes, deixando as sociedades que a construíram e difundiram marcadas de forma perene.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Fontes Primárias

FUERO JUZGO. En Latin y Castellano. Por La Real Academia Española. Madrid: Por Ibarra, Impressor de Cámara de S.M., 1815. "Libro XII. De Devedar los tuertos, e darraygar las sectas e sus dichos, II Titol De los Hereges, e de los Judíos e de las Sectas, III Titol de Las Leyes Nuevas de los Judíos." p.174-204.

JOANNIS CHRYSOSTOMI. Adversus Iudaeos. In: MIGNE, J.P. Patrologiae. Cursus Completus. Serie Graeca. Paris: 1857-1866. v. 48 e 49.

¹⁴ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. "Simpósio Minorias Silenciadas" In: _____. (Org.) Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil. Op.cit. p.20-21.

¹⁵ ARKOUN, M. "Tolerância, Intolerância e Intolerável na Tradição Islâmica". In: A INTOLERÂNCIA: Foro Internacional sobre a Intolerância. Op.cit. p.191-206.

The Soncino Talmud. Chicago: Davka Corporation/Judaica, 1996. 1 CD-ROM. Judaic Classics Library.

VIVES, J. (Ed.) Concílios Visigóticos e Hispano-Romanos. Barcelona/Madrid: C.S.I.C. - Instituto Enrique Florez, 1963.

ZEUMER, K. (Ed.) Monumenta Germaniae Historica – Leges Nationum Germanicarum. Edidit SOCIETAS APERIENDIS FONTIBUS. Rerum Germanicarum Medii Aevi. Hannoverae et Lipsiae: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1902.

Obras Gerais e Específicas

ALBERT, Bat-Sheva. Isidore of Seville: His Attitude towards Judaism and his Impact on Early Medieval Canon Law. The Jewish Quarterly Review, Philadelphia: Annenberg Reserch Institute, v. 80. n.3-4 , p.207-220, Jan-April, 1990.

_____. The 65th Canon of the IVth Council of Toledo (633) in Christian Legislation and Its Interpretation in the 'converso' Polemics in XV th Century Spain. In: Proceedings of the Eight World Conference of Jewish Studies. Jerusalem: The World Union of Jewish Studies, 1982. p.43-48.

Álvarez Chillida, Gonzalo, El Antisemitismo en España: la imagen del judío (1812-2002). 2.ed. Prefacio de Juan Goytisolo. Madrid: Marcial Pons, 2002. (Historia – Estudios).

ATTIAS, Jean-Christophe. De la Conversion. Paris: Centre D' Études des Religions du Livre/Du Cerf, 1997. (Patrimoines religions du Livre).

BARCALA MUÑOZ, Andrés. Biblioteca Antijudaica de los Escritores Eclesiásticos Hispanos. Madrid: Aben Ezra Ediciones, 2005. 2.v.

BARNETT, Richard. The Sephardi Heritage: Essays on the History and Cultural Contribution of the Jews of Spain and Portugal. London: Valentine,Mitchell, 1971. 2 v.

BARON, Salo W. A Social and Religious History of the Jews. 2.ed. Philadelphia: Jewish Publications Society of America, 1952. v.3.

BAUER, Yehuda. Antisemitism as a European and World Problem. In: PATTERNS of Prejudice. London: The Institute of Jewish Affairs, v.27, n.1, p.15-24, 1993.

BOYARIN, D. Israel Carnal: lendo o sexo na cultura talmúdica. Rio de Janeiro: Imago, 1994. (Col.Bereshit)

BRUNS, G. "The Hermeneutics of Midrash". In: The Book and the Text: The Bible and Literary Theory. Ed. Regina Schwartz. Oxford: Basil Blackwell, 1990. p.189-213

CARNEIRO, M.L.T. O Discurso da Intolerância: Fontes para o Estudo do Racismo. In: FONTES HISTÓRICAS: Abordagens e Métodos. São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras – UNESP. Campus de Assis. Programa de Pós-Graduação em História, 1996. p.21-32.

DOMÍNGUEZ ORTÍZ, A. Historical Research on Spanish Conversos in the last 15 years.”; Márquez Villanueva, F. The Converso Problem: An Assessment. In: HORNIK, M.P. Collected Studies in Honour of Américo Castro’s Eightieth Year. Op.cit. p.63-82; 317-333, respectivamente.

DREWS, Wolfram. Jews as Pagans? Polemical Definitions of Identity in Visigothic Spain. Early Medieval Europe. Oxford: Blackwell Publishing, v.2, n.3. p.189-207, 2002.

FABRE-VASSAS, Claudine. The Singular Beast. Jews, Christians, & the Pig. Translated by Carol Volk. New York : Columbia University Press, 1997.

FONTAINE, Jacques. Culture et Spiritualité en Espagne du IV au VII siècle. London: Variorum Reprints, 1986.

GALLEGO BLANCO, Enrique. Relaciones entre la Iglesia y el Estado en la Edad Media. Madrid: Revista de Occidente, 1973. (Biblioteca de Política y Sociología).

GARCIA IGLESIAS, Luis. Los Judíos en la España Antigua. Madrid: Cristiandad, 1978.

_____. Motivaciones de la Política Antijudía del Reino Visigodo en el Siglo VII. In: Actas Del Coloquio - Estructuras Sociales durante la Antigüedad. Facultad de Filosofía y Letras-Universidad de Oviedo, 1977.

GARCIA MORENO, Luis A. Los Judíos de la España Antigua: Del Primer Encuentro al Primer Repudio. Madrid: Rialp, 1994.

GINZBURG, Carlo. Just One Witness. In: FRIEDLANDER, Saul (Ed.) Probing the Limits of Representation: Nazism and ‘Final Solution’. Cambridge/London: Harvard University Press, 1992. p.82-96.

_____. História Noturna: Decifrando o Sabá. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOFFMAN, E. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

HERFORD, Robert Travers. Christianity in Talmud and Midrash. New York: Ktav Publishing House, 1975.

LEVINAS, Emmanuel. Do Sagrado ao Santo: Cinco Novas Interpretações Talmúdicas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. Quatro Leituras Talmúdicas. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MACCOBY, Hyam. Judaism on Trial: Jewish-Christian Disputations in the Middle Ages. London: Littman Library of Jewish Civilization, 1993.

NEUSNER, Jacob. The Yerushalmi – The Talmud of the Land of Israel: An Introduction. Northvale, New Jersey, London: Jason Aronson Inc., 1993.

NOVINSKY, Anita. Inquisição: Rol dos Culpados: Fontes para a História do Brasil/Séc.XVIII. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992.

_____. Os Regimes Totalitários e a Censura. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. (Org.). Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil. São Paulo: EDUSP/ Imprensa Oficial do Estado/ Fapesp, 2002.

NOVINSKY, Anita; KUPERMAN, Diane. (Orgs.) Ibéria Judaica: Roteiros de Memória. São Paulo: Expressão e Cultura/EDUSP, 1996.

OUAKNIN, Marc-Alain. Le Livre Brûlé: Philosophie du Talmud. Paris : Lieu Commun, 1993.

SANCOVSKY, Renata R. Inimigos da Fé. Judeus, Conversos e Judaizantes na Península Ibérica. Século VII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imprinta/ CHCJ/ LEI-USP, 2010.

STANTON, Graham N & STOUMSA, Guy G. (Eds.) Tolerance and Intolerance in Early Judaism and Christianity. Cambridge University Press, 1998.

STROUMSA, Guy G. The End of Sacrifice. Religious Transformation in Late Antiquity. Chicago University Presse, 2009.

TEPPLER, Yaakov. Birkat haMinim. Jews and Christians in Conflict in the Ancient World. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007. [Texts and Studies in Ancient Judaism, 120]

TRACHTENBERG, J. The Devil and the Jews. The Medieval Conception of the Jew and Its Relation to Modern Anti-Semitism. New Haven: Yale University Press, 1943.

YERUSHALMI, Yossef Hayim. Assimilation and Racial Anti-Semitism. The Iberian and the German Models. New York: Leo Baeck Institute Inc., 1982. (Leo Baeck Memorial Lecture, 26).

_____. Zakhor: História Judaica e Memória Judaica. Rio de Janeiro: Imago, 1992. (Bereshit).